

OS VERBOS E NOMES DO VIAJAR: POR UMA GEOGRAFIA DO DESLOCAMENTO

The verbs and names of traveling: by a Geography of Displacement

Fernanda Ribeiro Amaro¹
Carlos Rodrigues Brandão²

RESUMO

Este artigo aborda viagens, nomadismos e outros deslocamentos, enquanto ações que incitam a construção subjetiva de referenciais geográfico-afetivos, numa geografia que se expressa a partir do indivíduo enquanto escala de análise, que se soma aos estudos da Geografia Humanística e Cultural. Deslocamentos geram conhecimento sobre os espaços, transmitidos pela subjetividade também expressa em escritos de viajantes, entre verbos e nomes do viajar. O sentido da espacialidade tomada em deslocamento é dado em forma de sentimentos e percepções, que poderiam ser compostos como arte e como ciência. Ao entender a arte enquanto resultado de um emaranhado de referências sociais, políticas, espaciais e pessoais. Portanto, a viagem é um dado subjetivo e objetivo e possui caráter individual e coletivo, manifestada por uma linguagem simbiótica e reprocessual com o meio, entre sons, gestos, objetos e imagens, enquanto expressão subjetiva e técnica de uma relação sociedade-indivíduo e indivíduo-espaço.

Palavras-chave: Viajantes. Geografia Humanista. Fenomenologia. Escritos de viagem.

1 Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. feramaro@gmail.com.

✉ Sítio da Rosa dos Ventos, Caixa Postal 12, Caldas, MG. 37780-970.

2 Antropólogo, professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia. carlosdecaldas@gmail.com.

✉ Sítio da Rosa dos Ventos, Caixa Postal 12, Caldas, MG. 37780-970.



ABSTRACT

This paper discusses the concept of travel, nomadism and others displacements as actions that incite the subjective construction of geographical and emotional references, in a geography that expresses itself parting from the individual as an analysis scale, that is added to the Cultural and Humanistic Geography studies. Displacements usually generate knowledge about spaces, transmitted through subjectivity, that are also expressed in the writings of travelers, between verbs and names of traveling. The sense of spatiality taken in displacement is given in the form of feelings and perceptions, which could be composed as art and as science. Understanding art as a result of a tangle of social, political, spatial and personal references. Therefore, the trip is a subjective and objective fact and has individual and collective character, manifested by a symbiotic and reprocessual language with the middle with sounds, gestures, objects and images, while technical and subjective expression of a society/individual and individual/space relationships.

Keywords: Voyageurs. Humanist Geography. Phenomenology. Travel writings.

O VIAJANTE

*Pois isto é sintoma de estar-se abrigado: tomar-se
 como centro do mundo.
 (FLUSSER, 2007, p. 28)*

Há pessoas as quais o que importa é a quietude, a conformidade com suas memórias pessoais, com seu nicho definido e cultivado de velhos amigos. Satisfeitos com o que já viveram e experimentaram. Eles elegem um só lugar para estabelecer morada, para apreender a realidade. No entanto, há outra natureza de homens, que nasce sob o signo da **errância**, são aqueles que possuem o *ethos* do movimento.

Vivem uma realidade de mudanças e transformações. Conhecem a monotonia ritmada da paisagem vista desde um trem ou um automóvel. Conhecem também velocidade compassada dos pés. Sentem a topografia do chão. O balanço do mar desde um navio. A presença das nuvens nas turbulências de avião. Seus pertences são poucos e os que foram acumulados pelo caminho se dispersam em diferentes endereços de passagem. A estes sujeitos e suas implicações se dedica este estudo.

Experimentam um gênero de panteísmo pagão e reencontram o rastro dos deuses antigos. “Deuses das encruzilhadas e da sorte da fortuna e da embriaguez, da fecundidade e da alegria, deuses das estradas e da comunicação, da natureza e da fatalidade” (ONFRAY, 2009, p. 14). Solicitam “uma abertura passiva e generosa a emoções que advém de um lugar a ser tomado em sua brutalidade primitiva, como uma oferenda mística e pagã” (ONFRAY, 2009, p. 59).

São seres de fronteira. Constroem a casa no território das bordas, margens e beiradas, onde se sabe que se pousarão por poucos dias ou sem nem saber predestinar o tempo de permanência. Praticam o exercício de interiorizar a morada, de incorporar a totalidade da casa

e os estados corporais do trabalho e do devaneio que o lugar íntimo propõe em quaisquer que sejam as condições que se apresente no percurso.

Trazem na pele trocas porosas com diferentes solos. Pulmões abertos para diferentes ares e densidades. Conhecem e se reconhecem em aglomerações e vazios. Não se sentem apinhados nos territórios, até mesmo porque não conhecem seus limites. E quando um contexto não lhes convém – fora os casos de exílio e expatriação – eles se deslocam para outra parte.

Estabelecem o próprio tempo pela **duração** e não pela cronologia convencional. Essa duração se desenrola no espaço e é um meio indireto para medir o tempo³. São transgressores pelo modo de vida que assumem. Privilegiam muitas vezes o ócio e a solidão, que a vida social do trabalho e do tempo fragmentado. Walter Benjamin (1991) chama de “passeio sem destino”, uma espécie de protesto que assumem contra um ritmo de vida orientado unicamente para a produção. Opõem-se também ao turista desprezioso, aquele que é definido como incapaz de gerar qualquer tipo de conhecimento. (CLIFFORD, 1997). Os viajantes, que aqui abordo, legitimam suas baldanças pela criação de conhecimento de si e do espaço, a partir da escrita de relatos, nos quais: “o espaço adquire um sentido emocional ou mesmo racional, por uma espécie de processo poético, o mesmo pelo qual as terras distantes vazias ou anônimas são convertidas em significado para nós” (SAID, 2007, p. 92).

A criação de escritos de viagem é o percurso do desejo o qual segue este viajante. A memória relatada se manifesta como o mapa afetivo dos espaços vividos em deslocamento. Mas antes de tentar entender a tradução da viagem no relato, há que se perguntar o que é viagem?

³ Em Bergson (1990), o comprimento de um tempo não representa o valor de uma duração.

Os verbos e nomes do viajar: por uma geografia do deslocamento
Fernanda Ribeiro Amaro, Carlos Rodrigues Brandão

¿Un rizo, un rodeo deformando el curso lineal de una vida? ¿Un accidente de la duración? ¿Un acontecimiento aleatorio ya inspirado o impuesto? ¿Una vocación? ¿Un rito? ¿Una peripecia, una ruptura, un bulto particular de la curiosidad, o entre otros, un modo de aprendizaje, una forma de fuga, un remedio para el placer? (CLIFFORD *apud* REYNOSO, 1998, p. 78).

Uma viagem não é somente uma ação, ela é acompanhada de uma interpretação, seu conteúdo é político e é pessoal. Atua nas **micropolíticas do desejo**⁴. Acompanha a construção da história e dos espaços. Tomo aqui, a viagem, pelo conceito mais simples encontrado, aquele que é a motivação de uma pessoa ao sair de sua casa, para se deslocar para outro lugar: “*Travel as i use it, is an inclusive term, embracing a range of more or less voluntarist practices of leaving home to go to some other place*” (CLIFFORD, 1997, p. 66).

São diversos os motivos que levam uma pessoa a viajar e todos eles são de interesse objetos de estudos das ciências humanas. A viagem é um campo de intersecção entre diferentes epistemologias. A sociologia, a antropologia, a linguística, a geografia. Todas estas ciências ensinaram e ensinam, em algum momento, refletir sobre os deslocamentos. A ênfase principal sempre foi acerca de estudos sobre deslocamentos forçados, como (i)migrações, expatriações, exílios, gentrificações. Mas há também novos estudos, de uma antropologia pós-moderna (CLIFFORD, 1997) e de uma geografia humanística ou poética (DARDEL, 2011), que contemplam o viajante individualista, diletante, vagamundo, que não atende nenhuma demanda externa social, mas que é político, ao passo em que sua ação vai de encontro ao sistema e repercute como uma ode à errância.

4 Nome do livro de Suely Rolnik sobre uma viagem que empreendeu junto de Felix Guattari pelo Brasil, no qual assim como Villém Flusser em Bondelos, relata diálogos com interlocutores que ajudaram a tecer os deslocamentos que compõem uma biocartografia de suas vidas em situação de deslocamento.

A errância, desse ponto de vista, seria a expressão de uma outra relação com o outro e com o mundo, menos ofensiva, mais carinhosa, um tanto lúdica, e seguramente trágica repousando sobre a intuição da impermanência das coisas, dos seres e de seus relacionamentos. Sentimento trágico da vida, que desde então, se aplicará a gozar, no presente, o que é dado ver, e que é dado viver no cotidiano, e que achará seu sentido numa sucessão de instantes, preciosos por sua própria fugacidade. É possível que seja isso esse hedonismo relativo, vivido no dia-a-dia, que caracteriza melhor essa forma de intensidade social e individual, essa febre dirão alguns, delimitando bem a estranha atmosfera do momento (MAFFESOLI, 2001, p. 29).

O desejo da errância é um dos polos essenciais de qualquer estrutura social. É o desejo de rebelião com a funcionalidade, contra a divisão do trabalho, contra uma descomunal especialização a transformar todo mundo numa simples peça de engrenagem na mecânica do sistema. Assim se exprimem “o necessário ócio, a importância da vacuidade e do não-agir na deambulação humana.” (MAFFESOLI, 2001, p. 33).

É que o nomadismo não se determina unicamente pela necessidade econômica, ou a simples funcionalidade. O que o move é coisa totalmente diferente: o desejo de evasão. É uma espécie de pulsão migratória incitando a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidades de facetas de sua personalidade (MAFFESOLI, 2001, p. 51).

Antes o viajante era apresentado por uma missão que o levava adiante. Era o marinheiro, o mercador, militante, médico, sábio, colonial, corresponsal, embaixador, emissário ou missionário. Estas profissões conferiam e ainda conferem um caráter de funcionalismo e utilitarismos nas deambulações. Colocam o viajante na posição do **Eu-Isso**, discutido por Martin-Buber (2001) que admite a existência do ser em relação a alguma coisa, um ente institucional, uma função

social, que se contrapõem ao **Eu-Tu**, que coloca o indivíduo no “entre” da relação com outra pessoa. Buber se explica:

Eu-Isso é proferido como sujeito de experiência e utilização de alguma coisa. A inteligência, o conhecimento conceitual que analisa um dado ou um objeto é posterior a intuição de ser. Eu-Isso é posterior ao Eu-Tu. O Eu do Eu-Isso usa a palavra para conhecer o mundo, para impor-se adiante dele, ordená-lo, estrutura-lo, vencê-lo, transformá-lo. Este mundo nada mais é que objeto de uso e experiência (BUBER, 2001, p. 33).

Quando o viajante admite uma função ao ir, seu verbo que o descreve então, torna-se o precisar. **Navegar é preciso, viver não é preciso** (Fernando Pessoa). O cálculo das provisões não mensuram os imprevistos da viagem; tal como ocorre frequentemente nos projetos de urbanismo, o uso que se faz um de espaço projetado é imprevisível ao arquiteto. O projeto quando transposto ao uso público pode assumir novas funções dado o caráter de **surpresa** (FERRARA, 1988) que está sempre presente no uso que se pode fazer dos espaços. A espontaneidade do homem sobressalta qualquer planejamento. E neste sentido, entre precisões e imprecisões, somo mais três palavras, sonoras entre si, que também descrevem a viagem: provisões, imprevistos e improvisos.

A provisão existe mesmo entre os nômades. Dificilmente alguém está num lugar sem saber o nome da localidade a qual se encontra. Qualquer conhecimento prévio já é um tipo de provisão. Nas viagens científicas se faz um levantamento de dados da região, no turismo se levanta os restaurantes e centros culturais. E estes levantamentos fazem aumentar o desejo de pulsão: “na viagem, descobre-se apenas aquilo de que se é portador. O vazio do viajante gera a vacuidade da viagem; sua riqueza produz a excelência dela.” (ONFRAY, 2009, p. 26) O próprio nome das cidades visto desde um mapa, já é um começo para incitar os devaneios dos lugares.

“Quanto mais distante uma imagem, mais ela cresce” (NOUGÉ *apud* DIEGO, 2008, p. 14 – tradução livre). O mapa também é um ativador de potências do corpo, que chamam o indivíduo a se deslocar. A invisibilidade do volume real, da linha tracejada na geometria dos mapas, convida a curiosidade do homem a ver as paisagens que beiram as estradas, a densidade das matas nas trilhas - o espaço além de sua representação.

Observar um mapa é fazer um sobrevoo pelos lugares em miniaturização. É poder, ainda que numa só estância, ter o espaço todo às mãos. Percorrer centenas de quilômetros com as pontas dos dedos. Um atlas é uma abertura à viagem da imaginação. Ao desconhecido tudo lhe cabe. E ao vazio lhe cabe a ocupação. Inevitavelmente o homem atribui significado sobre o ermo, ele imprime ali uma expectativa, uma cultura e uma linguagem.

Mas, de que modo dizer o mundo com um mapa, posto que o mapa se contenta tão somente em representá-lo e reduzi-lo a convenções? Afinal, quem é que determinou o que é Norte e o que é Sul, com todas as consequências que esta implicação acarreta? A geometria dos territórios e seus perímetros, se quer, consegue abarcar a dimensão de suas totalidades, dos interstícios da relação dos homens com eles, a dimensão do sagrado que há em alguns espaços?

O artista uruguaio Joaquín Torres García mostra em um desenho de 1935, o contorno da América Latina invertido no mapa, o qual intitula de “*La Escuela del Sur*”.

Todo mapa pressupõe uma narrativa, é concebido em função de um itinerário.

El mapa geográfico en su forma más simple no es el que hoy nos parece más natural, es decir, el que representa la superficie del suelo como vista para un ojo extraterrestre. La primera necesidad

Os verbos e nomes do viajar: por uma geografia do deslocamento
 Fernanda Ribeiro Amaro, Carlos Rodrigues Brandão

de fijar sobre el papel los lugares va unida al viaje, es el recordatorio de la sucesión de etapas, el trazado de un recorrido (DIEGO, 2008, p. 61).

Esta redução de sentido aos lugares, dos mapas, atlas e guias turísticos não é bastante ao viajante inteiro, apto à “totalidade do encontro” (BUBER, 2001). A aquele que se coloca em dialogicidade

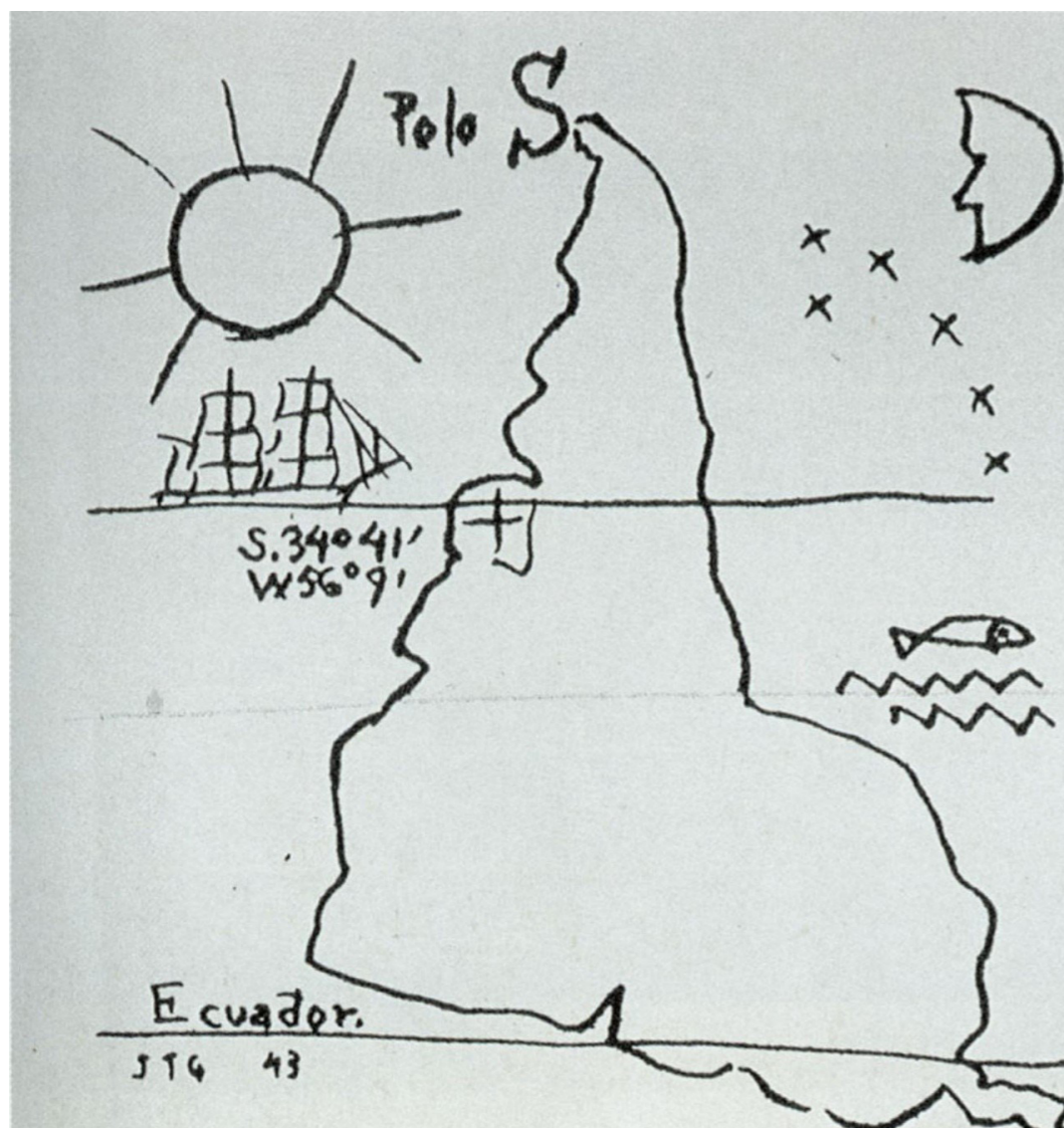


Figura 1 – GARCÍA, Joaquín Torres. La Escuela del Sur, 1935.

com os fenômenos da viagem, rochas, animais, monumentos, situações e principalmente outros humanos. Tim Ingold (2012) menciona estudos interculturais do homem com outras espécies animais e cita Espinosa ao escrever sobre o homem em seu estado de devir-animal. Assim, contrariando Geertz, e os postulados escritos sobre cultura em “A Interpretação das Culturas”, ela não seria um fato apenas humano, sendo nós humanos passíveis de criar cultura a partir dos animais (INGOLD *apud* STEIL; CARVALHO, 2012) Para que ele consiga assimilar com mais totalidade sua experiência, bem se faz colocar-se diante do mundo como um sujeito Eu-Tu, de que discorre Martin Buber

Para que o evento da palavra-princípio Eu-Tu seja dialógico é necessário o elemento da totalidade. Totalidade não é a simples soma dos elementos da estrutura relacional. Esta totalidade se vincula à totalidade do próprio participante do evento. Esta totalidade do Eu [...] deve ser entendida como um ato totalizador, uma concentração em todo o seu ser. (BUBER, 2001, p. 33).

Ao conhecer os espaços seria necessário, percorrer todos os seus lugares, para assim, tomá-los em sua totalidade; ou a escolha de uma via para se caminhar lentamente poderia ser a parte tomada como um todo, como numa metonímia? Caminhando pelos campos e pela cidade jamais acabamos de possuir sua imagem do espaço inteiro. Segundo ideias de Argan, “um fragmento de realidade realiza de modo trágico nossa existência fragmentada, o drama de nosso estar-no-mundo e, no entanto, estranhados pelo mundo” (ARGAN, 2005, p. 98). Na escala do corpo, o horizonte é o limite dos territórios. Até onde alcança o olhar.

Os verbos e nomes do viajar: por uma geografia do deslocamento
 Fernanda Ribeiro Amaro, Carlos Rodrigues Brandão

A soltura do corpo é necessária ao exercício do deslocamento. O nomadismo exige um corpo ágil, eficaz, flexível e forte. “O animal desembaraçado, o corpo material, a alma atônica, os órgãos sensuais, o simulacro físico, a graça fisiológica – eis os instrumentos do poeta e do artista ativados no viajante” (ONFRAY, 2009, p. 64). O filósofo, Michel Onfray, com outras palavras descreve a totalidade da presença do viajante e de sua vinculação primeira com seu corpo – que é primeira arquitetura, primeira morada, “primeiro território” (TUAN, 1983). Princípio de onde vem a percepção e a leitura da própria existência. “O corpo ampliado, a solidão existencial, a metafísica da alteridade, a estética encarnada” (ONFRAY, 2009, p. 109) são características dos **viajantes diletantes**.

A diversidade de modelos de viagens: turismo, trabalho migratório, exílio, colonialismo, localizações múltiplas de uma população dispersa – pessoas e objetos em circulação (temporária ou não) transportam uma identidade que é vivida, reinventada, contada, traduzida, negociada, no encontro com outras. Viagens e contatos transnacionais de pessoas, coisas e meios de comunicação que não desembocam numa direção histórica única. O futuro das culturas não é singular e homogeneizante e a escrita desses trânsitos também não deve ser. “*Spatial practices of travel and temporal practices of writing have been crucial to the definition and representation of a topic – the translation of ongoing experience and entangled relationship into something distanced and representable*” (CLIFFORD, 1997, p. 57).

A interpretação é o que diferencia as viagens legitimadas e as viagens diletantes. Enquanto uma se projeta para o diálogo entre o indivíduo e os espaços visitados; a outra se define pela não responsabilidade de se gerar conhecimento. Ainda que ao viajar este seja um feito difícil, pois o deslocamento, mesmo a lugares ermos de significados como os desertos, implica, nem que seja, um conhecimento de si mesmo, já

que “existir é sair de si, é abrir a um outro, ainda que através de uma transgressão” (MAFFESOLI, 2001, p. 32).

Todo mundo é de um lugar e crê a partir desse lugar ter ligações, mas para que esse lugar e essas ligações assumam todo o seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos. É uma marca do sentimento trágico da existência: nada se resolve numa superação sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente (MAFFESOLI, 2001, p. 79).

Sair ao território alheio, em todos os casos, além de ser uma via de ilusão sobre o que se mostra a conhecer, se bifurca na possibilidade de valorização do território deixado. O “partir” retifica as qualidades da terra natal. Lembra-se com apego esta memória brincante da criança que descobriu seu quintal, seu bairro, sua cidade e de repente eles se tornaram menores.

Flusser se pergunta: “posso descobrir a minha própria cultura, já que isto é descobrir-me a mim próprio? Ou será que a descobro apenas depois de havê-la abandonado, isto é, ter-me abandonado a mim mesmo?” (FLUSSER, 2007, p. 68). James Clifford (1997) entende a viagem como um deslocamento, mais ou menos voluntário, de sair de um lugar para ir a outro. O antropólogo norte americano propôs que encaremos o terreno de análise como um itinerário. O terreno é entendido como espaço móvel, o espaço em que a dupla etnógrafo-informante se acha localizada. “A estranheza do mundo condena a satisfazer-se com a familiaridade mais imediata, aquela que cada um de nós mantém em seu âmago” (ONFRAY, 2009, p. 80).

Para Edward Hall, em seu artigo “Proxemics”, o uso da percepção que se faz dos espaços é a categoria mais complexa e fundamental na hora de classificar grupos culturais. (HALL *apud* DIEGO, 2008, p.

Os verbos e nomes do viajar: por uma geografia do deslocamento
 Fernanda Ribeiro Amaro, Carlos Rodrigues Brandão

57 – tradução livre) O contexto de duas ou mais culturas dentro das quais se encontra o viajante deve procurar ser sintetizado dentro de si próprio, em meio a tantas andanças, e depois fazer com que a presente cultura, venha substituir as anteriores na sua forma de estar no mundo: incorporado a uma *cronotopia* - condições de tempo e espaço- das situações. “*The fieldworker was a homebody abroad* (CLIFFORD, 1997, p. 69); “*fieldwork as an embodied spatial practice*” (CLIFFORD, 1997, p. 53).

Construir a casa ou o campo *field*, no território estranho, bastar-se em seu próprio corpo e com o pouco que carrega, sem lhe faltar o que lhe é necessário no percurso. E acumular conhecimento de si, dos lugares e dos outros, de vivência em vivência, interagindo com os novos hábitos e símbolos culturais que se apresentam no percurso-decurso dos lugares passados, ou talvez, habitados efemeramente.

Descobrir aquilo que já foi descoberto é também poder contar este lugar por si mesmo. Apropriar dele pela escrita pessoal. Ditá-lo com suas impressões recriadas num relato é ter a possibilidade de vaguear de novo pelos lugares onde foram escritos. Tal como acontece com a imagem retida na fotografia, segundo descreve Flusser em “Filosofia da Caixa Preta”

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o ‘antes’ se torna ‘depois’, e o ‘depois’ se torna o ‘antes’. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o do eterno retorno (FLUSSER, 2002, p. 8).

O registro tanto na fotografia, quanto na escrita, permitem a revisita e a rememoração de uma experiência. Esta noção de viagem

está articulada com a emergência de uma biocartografia, que descreve e mapeia pessoas, lugares, seus modos de vida, mas que refletem a experiência e as memórias daquele que as escreve. O antropólogo Clifford James diz “*I have carried out the fieldwork in a variety of places*” (JAMES, 1997, p. 57).

Contraponho duas classificações de viagens, as **legitimadas**, aquelas que apresentam motivos razoáveis para a sociedade. Como a viagem de conquista, a viagem científica, a viagem por tradição cultural (ciganos, berberes), as viagens por missionarismo, pregantismo, exílio, militância, obrigações diplomáticas (embaixador, cônsul, desembargador) ou demais profissões que implicam deslocamento. Em contrapartida, as viagens **diletantes**, da errância, da vagabundagem, do boêmio, *flanêur*, do viajante romântico e do nômade solitário, do anacoreta. “*Hay un nómada curioso que se contenta solo con viajar. Este sujeto de acuerdo a la moral establecida resulta peligroso*” (CLIFFORD apud REYNOSO, 1998, p. 27).

Viajar supõe, portanto, recusar o emprego do tempo laborioso da civilização em proveito do lazer inventivo e alegre. A arte de viajar induz uma ética lúdica, uma declaração de guerra ao espaço quadriculado e à cronometragem da existência. A cidade obriga ao sedentarismo através da abscissa espacial e de uma ordenada temporal: estar sempre num determinado lugar num determinado momento preciso. Assim o indivíduo é controlado e facilmente identificado por uma autoridade. Já o nômade recusa essa lógica (ONFRAY, 2009, p. 14).

A viagem apresenta suas funções, mas às vezes suas contingências extrapolam as estratégias e razões legitimadas do deslocamento. Alguma coisa além do previsto pode surpreender mais que uma obstinação ou conhecimentos sem experiência indicado em mapas e guias tão preconizado nas viagens de turismo. Desvios estão sempre presentes na ordem do dia

OS VERBOS E NOMES DO VIAJAR

Pensemos naquilo que move um povo, um grupo humano ou uma pessoa a sair de, a partir, a viajar, trabalhamos aqui a partir (sem trocadilhos) de uma pergunta simples: quais são os verbos que mais têm a ver-com, que designam, que qualificam, que classificam, que descrevem, o complexo ato de se sair, de ir-se, de partir, de ir embora, de viajar, de errar, de andarilhar, de refugiar-se?

Ao invés de partir de sujeitos ou de identidades de errantes-viajantes, tomaremos aqui o caminho de uma coletânea de qualificadores de múltiplos deslocamentos, e dos motivos pessoais e/ou sociais das viagens, onde possivelmente se possa chegar a um desdobramento bastante mais alargado da viagem enquanto experiência que conduz a uma narrativa geográfica, instaurada no deslocamento em si dos sujeitos.

Para tentar contar, explicar, interpretar uma viagem, em um primeiro momento juntaremos aos verbos-do-ir algumas palavras que procuram dar um sentido aos próprios verbos. Pois se por algum motivo alguém “vai”, “parte”, “viaja” – ou mesmo “faz-se de vela”, como diziam antigos navegantes. Quais seriam os seus motivos? Quais seriam os motivos que nos permitiriam, pelo menos em um primeiro amplo plano, reuni-los em categorias de viajantes? Entre um verbo e um substantivo, um adjetivo, advérbio ou mesmo outro verbo, encontraríamos adiante duas perguntas: O que é ir? E por que (ou em nome do que ou de quem) se sai de onde se está e se vai?

Quem tenha prestado atenção ao léxico e ao lógico das diferentes línguas que nos são mais próximas, poderá verificar que talvez em quase todas as línguas exista uma pluralidade muito grande – exagerada talvez – para uma mesma ação: sair, ir, partir, viajar.

Ao reunir alguns verbos estaremos diante de qualificadores de ações, como: **ir, ir-se, esvair-se, sair, partir, viajar, vagar, aventurar, abandonar, peregrinar, vagabundear, deslocar-se, fugir, avançar, impulsionar, migrar, emigrar, errar, exilar-se, refugiar-se**. A coleção de verbos de quem vai poderia aumentar ainda. Poderia ser, por exemplo, acrescida dos vários verbos que sugerem como-se-vai: **caminhar, correr, percorrer, rodar, navegar, voar, galgar, subir**, e assim por diante.

Na outra ponta (ou quem sabe? Na “terceira margem do rio”), estão os verbos de ações de quem, depois de haver ido, **viaja e/ou** em algum momento, chega. Assim temos: **chegar, vir, arribar, pousar, concluir, aportar, encontrar, descobrir, conhecer, conquistar, atingir, ser acolhido, refugiar-se, esconder-se, descobrir-se, viver, conviver**.

A meio caminho, entre quem vai e quem chega, podemos lembrar as ações ou não-ações – de acordo com os mestres taoístas, alguns deles grandes viajantes – de quem fica. Eles poderiam ser: **estar, ficar, deixar-se ficar, restar, permanecer, morar, viver em, fixar-se**.

Finalmente, como boa parte dos que “vão e viajam” algum dia “voltam”, podemos completar nossa relação com palavras que sugerem justamente o retorno: **voltar, retornar, reencontrar, rever, fazer-se acolher**. Existe mesmo a expressão antiga: “torna viagem”, para a feliz viagem de volta.

Por outro lado, pensamos que em quase todas as línguas, pelo menos as do Ocidente, existem muito mais palavras qualificadoras para aquele que vai, do que para quem fica. Estejamos atentos para o fato de que o oposto da palavra “viajante” é uma estranha e quase nunca usada palavra: “ficante”. Existiria outra palavra para aquele ou aquela que fica e espera (ou não) quem partiu? Quais palavras poderiam formar pares de opostos com: viajante, errante, peregrino, navegante,

Os verbos e nomes do viajar: por uma geografia do deslocamento
 Fernanda Ribeiro Amaro, Carlos Rodrigues Brandão

romeiro, turista, refugiado, exilado, fugitivo, ou mesmo o neologismo: “trotar mundo”?

Finalmente, com o viajar, talvez desde eras imemoriais, implica o “deixar os meus e o meu mundo e aventurar-me”, podemos imaginar que existam bem mais expressões corriqueiras para despedir alguém que parte do que para saudar, no momento da despedida, aquele ou aquela que fica. Quais seriam as respostas para: “boa viagem”, “vai com Deus”, “Deus te acompanhe”, “volta logo”, “breve retorno”? Alguém conhece algo como: “boa ficagem”? Sim, por certo existe a fórmula corriqueira e piedosa: “fica com Deus”, que troca um verbo para corresponder ao “vai com Deus”.

Para efeitos deste estudo classificatório, pode-se colocar num ponto extremo, um “caminho de alternativas do viajar”. Aqueles movidos atribuídos a um máximo de desejos voluntários de ir, de partir, de viajar. Pelo prazer da viagem em si mesma, ou pela vontade de chegar a algum lugar de natureza, de sociedade ou de ambos, como ponto final da viagem de turismo. No ponto oposto extremo devemos colocar aqueles que, ao contrário, partem, deslocam-se, ou são forçosamente deslocados de onde estavam, e viajam devido a um máximo de imposição contrária às suas vontades. Os que desde eras imemoriais são “roubados de suas terras” e obrigados a viajar para a morte, como nos campos de extermínio nazistas, o exílio ou a escravidão devido a alguma modalidade de ato-de-força.

Aqueles a quem se obriga a partir, solitária ou coletivamente, através de um gesto de poder ou de um ato de violência. Violência direta, como na expulsão de um povo de suas terras, sob a ameaça de morte. Violência indireta, como ocorre agora com palestinos em Gaza, ou refugiados sírios. Na sequência de uma trajetória de barbárie que se repete, e mesmo em algumas situações, dramaticamente, se intensifica em nossos dias, nos lembra, que ainda hoje povos inteiros

são expulsos de suas terras ou são levados à força para lugares de exílio, desterro ou escravidão.

A história recente do próprio Brasil repete com variações a desventura de povos ou frações de povos aprisionados como escravos, tal como sucedeu com a “diáspora negra” de africanos trasladados das Áfricas para as Américas. Pessoas, famílias, grupos étnicos, culturais, religiosos, mesmo nos dias de hoje são obrigadas a deslocarem-se, forçadas seja por acidentes naturais ou, mais ainda, devido a guerras, violações de acordo ou expropriações de territórios.

Hoje se vive em uma era em que, em planos opostos, ao mesmo tempo em que aumenta exponencialmente o número de turistas, cresce de igual maneira o número de exilados, de expropriados, de refugiados. A oposição entre quem parte por uma obrigação imposta, por **ter que ir, ter que partir, ter que deslocar-se, ter que viajar** e quem vai pelo **desejo-de-ir** e quem parte pelo **prazer-do-viajar** deve ser a base de qualquer tentativa de qualificação das razões-do-ir.

Ora, entre estes dois supostos ou reais viajantes-extremos, o diletante e o viajante forçoso. Outros atores movidos por, ou praticantes de outros verbos aparecem para ajudar a pensar outras categorias de viajantes. Pensemos agora na pequena multiplicidade daqueles que viajam por um dever de partir. De um partir de onde se está ou onde se vive, para sempre ou por algum tempo, neste caso, com um retorno previsto.

Partir por dever. O gesto pessoal ou coletivo de quem a sós, em pequenos grupos ou mesmo em coletividades maiores, parte de onde está e viaja em princípio devido a um compromisso que dita o motivo, a direção e o tempo da viagem. De saída aqui se estabelece uma dicotomia evidente: Se sai-e-vai porque se deve a alguém que não a si-mesmo o partir e viajar; ou sai-e-vai por um imperativo interior, pessoal e supostamente livre. Isto, quando partirmos do suposto que

Os verbos e nomes do viajar: por uma geografia do deslocamento
 Fernanda Ribeiro Amaro, Carlos Rodrigues Brandão

o “natural” na vida humana seria o ficar-onde-se-está. E sempre que sai é devido a algum motivo que sugere, convida, convoca ou obriga o deslocamento. Fica quem pode ficar; vai quem deve ir. Menos no pensar das pessoas a quem o livre poder ir e viajar não se abre aos desejos do aventureiro e nem aos prazeres do turista.

Devendo a outros (uma pessoa, um grupo, uma instituição profana ou sagrada, uma missão, um exército, uma pátria) o dever-ir, ou mesmo *dever-de-ir*, é necessário qualificar minimamente os verbos de termos da dualidade sugerida aqui. Podemos pensar que quem vai, parte e viaja, vai **por dever**. Mas neste **ir-por-dever** uma pessoa pode estar se deslocando, em sua dimensão de totalidade e reciprocidade em que o sujeito se encontra quando se coloca no mundo como **Eu-Tu**.

Por labor: para realizar na viagem a sua própria profissão, pois há pessoas cuja ocupação central na vida é vivida através de viagens, em alguns casos a sós, em outros, mais comuns, levando em algum objeto móvel ou outras pessoas. Os vaqueiros numa comitiva de bois, o piloto de aviões e as comissárias de bordo, o comandante de um navio e seus marujos, um caminhoneiro ou um motorista de ônibus são seus exemplos. Um guia de turismo ou mesmo um guia de “esportes de aventuras” podem ser exemplos mais “modernos”.

Por fazer: para que a viagem se realize como um feito-em-si-mesmo. Ou, na imensa maior parte dos casos, para realizar algo concreto e definido no lugar de destino. O descobridor, o conquistador e o colonizador do passado, assim como o migrante voluntário de um país a outro, tanto quanto um pedreiro que viaje de um lugar a outro para edificar uma casa, são bons e conhecidos exemplos.

Esta modalidade de viajantes que se segue em seu ir-e-viajar não possuem na própria viagem o sentido ou o motivo do haver partido. Ao contrário – embora ambos possam estar viajando no mesmo navio - para o descobridor (mesmo quando um navegante), o conquistados,

o colonizador, o migrante, a razão do deslocamento está para além da viagem. Está onde ela finda. Está no destino a que ela conduziu quem partiu e viajou. Está definitivamente em uma “chegada a”, onde não interessa o entremeio. A um ponto de destino; um lugar natural e/ou social da razão de ser de seu deslocamento.

Há de se destacar personagens conhecidos e, alguns deles, já mencionados aqui. Entre Colombo, Cortez e os peregrinos ingleses do passado ou os migrantes italianos do Sul do Brasil existe uma diferença evidente, entre as suas semelhanças. Colombo, um descobridor, viajou quatro vezes e depressa retornou quatro vezes ao porto de destino porque seu destino era partir-chegar-a, descobrir-e-retornar. Teria permanecido por mais tempo se houvesse chegado ao Cipango de suas fantasias?

Cortez veio para chegar ao já descoberto, desbravar, conquistar, tomar posse e efetivar um domínio. E depois retornar ao Reino de Espanha. Já os peregrinos e, mais tardes, os migrantes de Europa às Américas, vieram em uma viagem-sem-volta. Vieram não para descobrir e nem para conquistar (pois creio que os peregrinos ingleses não se consideravam conquistadores, mas colonizadores), mas para estabelecer um lugar. Ou, se quisermos rememorar Yi-Fu-Tuan (1983), para criar dentro de um espaço fluido e caracterizado pelo movimento, o lugar da pausa, da identidade e da comunhão com o espaço.

Partir por crer: para tornar uma realidade vivida e visível uma fé, uma crença, um acreditar em, de caráter religioso, confessional ou não. Entre a categoria acima e esta poderia estar situado o missionário do passado e do presente. Aquele que viaja em nome de uma missão conservacionista, ou para trabalhar em um hospital na África, como os Médicos Sem-Fronteiras. Ele vai em geral devido a um dever-ir devido a uma instituição que vai da igreja católica à sua congregação religiosa. No entanto, esta dívida-a-um-outro, só faz sentido em função de uma

Os verbos e nomes do viajar: por uma geografia do deslocamento
 Fernanda Ribeiro Amaro, Carlos Rodrigues Brandão

experiência de partilha de crença, traduzida como um imperativo pessoal de fé. Talvez bastante mais lembrado hoje em dia, é peregrino, sobretudo em função da recente popularidade do Caminho de Santiago e da proliferação de novos “caminhos da fé”, inclusive aqui no Brasil.

Partir por saber: por conhecer, por pesquisar, para dever ir buscar fora de onde se está, o contexto natural (geologia, botânica, primatologia) ou cultural (antropologia, arqueologia) de um saber cujo acesso impõe a viagem. Uma viagem que se torne ela própria a situação e o cenário do viajar-por-saber, ou que conduza a um ou mais de um local de destino onde o objeto, ou os sujeitos de tal saber estão. Humboldt e sua geografia descritiva poética. Charles Darwin a bordo do Beagle, como um cientista que se envolve com uma demorada e perigosa viagem apenas pelo afã de visitar lugares, conhecer espaços de natureza explorável como e pelo conhecimento, e buscar dados e fatos para estabelecer não um domínio, mas uma descoberta.

Sabemos que quase ao mesmo tempo em que a Europa começa a exportar cientistas – primeiro da natureza, depois da sociedade e da cultura – aos “novos mundos” descobertos, categorias novas de viajantes que depois se tornarão extremamente frequentes em nossos tempos, começam a surgir com um marcante aumento demográfico: o viajante intelectual não-cientista e quase sempre solitário, o mesmo a que Clifford James (1997) chama de *sophisticated tourist*; do poeta errante, ao músico em busca de novas sonoridades e outros mestres em “terras estranhas”; o turista, crescentemente coletivo e, mais adiante, as variantes antigas e atuais de vagamundos e trota mundos.

Vale recordar que no passado, de algum modo e com variantes que se estendem aos nossos dias, o navegante descobridor, o desbravador, o conquistador, o colonizador, foram atores-autores do viajar mais lembrados e celebrados. A partir das experiências de Marco Polo,

outros viajantes se engajaram em novas buscas e o relato de viagem se tornou uma literatura recorrente o século XVI.

Em nossos dias, ao mesmo tempo em que a NASA prenuncia para um futuro não distante, novas categorias de “exploradores oficiais” com destino a Marte e, mais adiante, a quem sabe onde no espaço, o descobridor do passado, coletivo e agenciado, em boa medida transforma-se no aventureiro solitário ou de pequenos grupos, ao redor de oceanos, em busca dos polos ou à procura dos últimos “rincões não explorados da Terra”.

Outro indicador de diferenças poderia separar, mais do que opor, entre os que **vão-por-dever** – através das viagens legitimadas que mencionei anteriormente – aqueles que mesmo quando não profissionalmente obrigados a deverem contratualmente o seu viajar a outro (a rainha de Espanha, a Ordem de Cristo, a Companhia das Índias Ocidentais, uma confraria de corsários), e aqueles que viajando mesmo quando não são originalmente obrigados a viajar, devem a partir de um momento a sua viagem a outros. Devem-na a partir de um momento contratual, na posição de pessoas voluntária-contratualmente, obrigadas ao seu deslocamento, como sujeitos individuais ou coletivos de um projeto de viagem que, uma vez aceito, contratado e patrocinados, os obriga a viajar. Aí estão Colombo no passado, Almir Klink e Carlos Rodrigues Brandão⁵ hoje, que em duas semanas viaja quase o mesmo que uma pessoa viaja por um ano ou mais.

Assim, retornando ao gradiente do imaginário fluido – a partir da ponta mais impositiva do viajar e distante ainda da ponta mais volitiva, entre o escravo ou o expatriado e o turista ou o trota mundo, pode-se dispor, respeitando uma ordem decrescente de imposição ou de

⁵ Almir Klink, comandante de embarcações e Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo se deslocam pelo mundo proferindo suas ideias e se assemelham entre si, pois ambos são viajantes expedicionistas e palestrantes.

Os verbos e nomes do viajar: por uma geografia do deslocamento
Fernanda Ribeiro Amaro, Carlos Rodrigues Brandão

dívida-ao-outro: o viajante profissional condutor frequente de outras pessoas ou de objetos; o viajante obrigado a uma ou mais viagens eventuais “a serviço”; o viajante autor-ator de um projeto de viagem de aventura, de pesquisa, de peregrinação e diferenciadamente obrigado contratualmente a viajar a sós, em pequenos grupos ou em nome de um projeto aprovado.

Partindo daí em direção a vocações mais volitivas do ir, partir, viajar, nós nos encontraremos com diferentes modalidades de viajantes – entre o errante e o turista – e aqueles que se deslocam por uma questão pessoal ou coletiva de crença, de fé em alguém ou em algo. Penso tomar a sua variedade verbal e autoral como um exemplo e eles nos esperam desde a linha, ou o trecho de viagem a seguir. ○

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio. **A história da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Editora, 2005.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BUBER, Martin. **EU-TU**. (Trad. Newton Aquiles Von Zuben.) 2ª ed. São Paulo: Moraes, 1974.

CLIFFORD, James. **Tour**: travel and translation in the Late Twentieth Century. Massachusetts: Harvard University Press, 1997.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. (Trad. Werther Holzer.) Rio de Janeiro: Perspectiva, 2011.

DIEGO, Estrella de. **Contra el Mapa**: disturbios en la geografía colonial de Occidente. Madrid: Siruela, 2008.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Ver a cidade**. São Paulo: Nobel, 1988.

FLUSSER, Villém. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007.

FLUSSER, Villém. **Filosofia da caixa preta**: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MAFESSOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. (Trad. Marcos de Castro.) Rio de Janeiro: Record, 2001.

ONFRAY, Michel. **Teoria da Viagem**: poética da geografia. (Trad. Paulo Neves.) Porto Alegre: L&PM, 2009.

REYNOSO, Carlos (Org.). **El Surgimiento de la Antropología Posmoderna por Clifford Geertz e James Clifford y otros**. (Trad. Carlos Reynoso.) 4ª ed. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Felix. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

ROSA, João Guimarães Rosa. **Grande Sertão**: Veredas. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

SAID, Edward. **Orientalismos**: o oriente como invenção do ocidente (Edição de Bolso.) (Trad. Rosaura Eichenberg.) São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. (Orgs.). **Cultura, Percepção e Ambiente**: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. (Coleção Antropologia Hoje).

TUAN, Yi-FU. **Topofilia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1980.

TUAN, Yi-FU. **Espaço & Lugar**: A Perspectiva da Experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

Sumetido em Março de 2014.

Revisado em Junho de 2014.

Aceito em Julho de 2014.